DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS VEGETAIS*

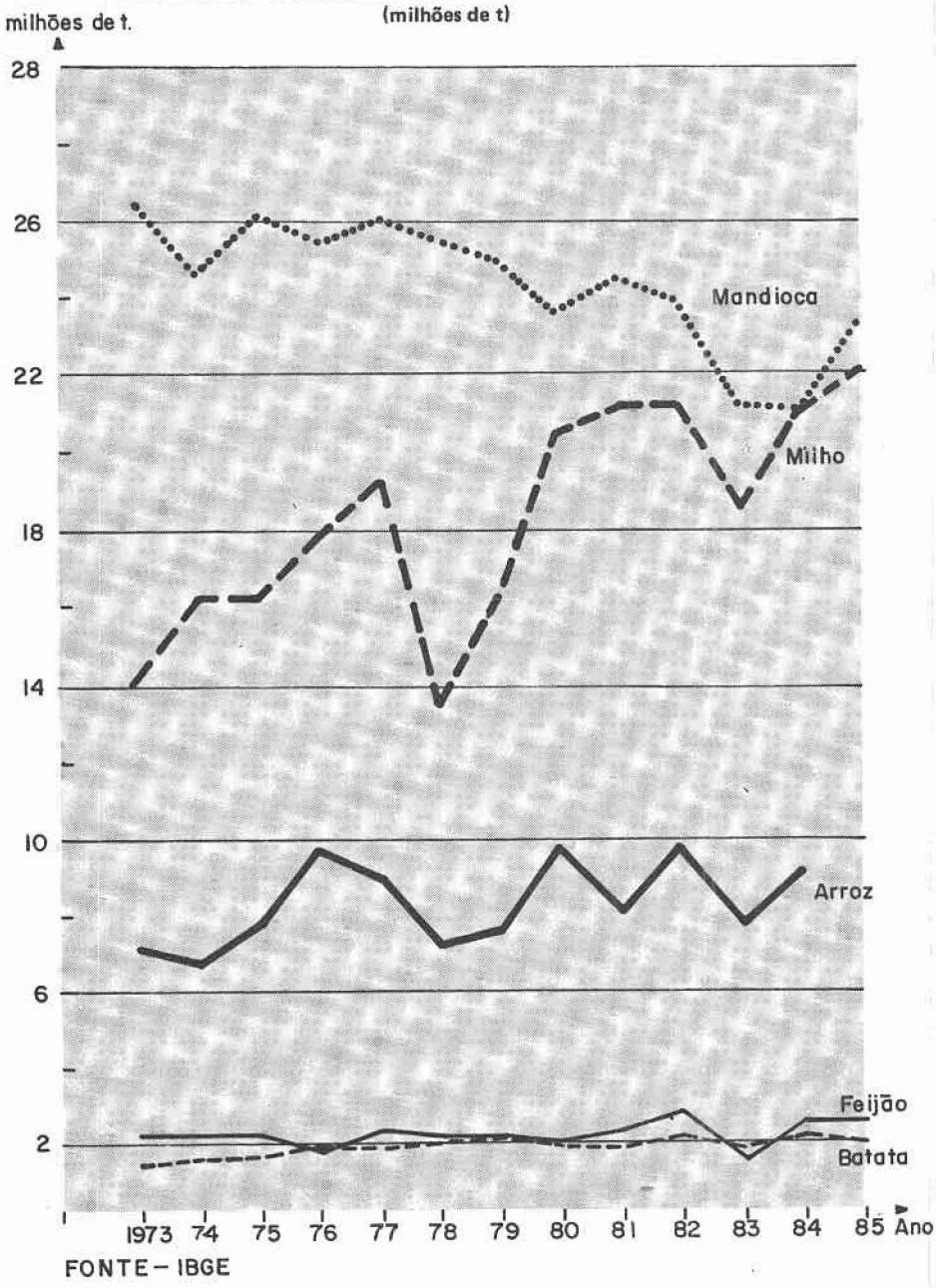
O crescimento da economia, em 1985, ampliou a oferta de empregos e trouxe ganhos salariais reais, que foram maiores nas categorias mais bem organizadas sindicalmente. Assistiu-se, outrossim, a uma expansão geral da demanda, incluindo a por alimentos, que estava reprimida nos últimos anos. Não houve problemas no abastecimento, em linhas gerais, pois as safras colhidas no ano passado, em virtude de seus excelentes rendimentos físicos, foram excepcionais (ver Gráfico 02).

A administração federal anterior, visando a compensar a redução dos recursos para o crédito de custeio, concedeu preços básicos remuneradores, como forma de incentivo à expansão da área plantada. Esta realmente ocorreu, com destaque nos casos do algodão e da soja, mas as boas safras colhidas, na verdade, beneficiaram-se mais das excelentes condições climáticas vigentes. Na colheita, entretanto, o mercado resistiu em pagar preços no nível do mínimo oficial, fazendo com que o novo governo se tornasse o principal agente comercializador.

Apesar das inúmeras tentativas governamentais no sentido de impedir o crescimento dos preços nos mercados de atacado e varejo, houve várias ocasiões em que as cotações dispararam e a **Companhia de Financiamento da Produção** foi forçada a elevar sua oferta de vendas nos leilões, buscando impedir maiores altas.

No final do ano, surgiram, porém, alguns complicadores, derivados de

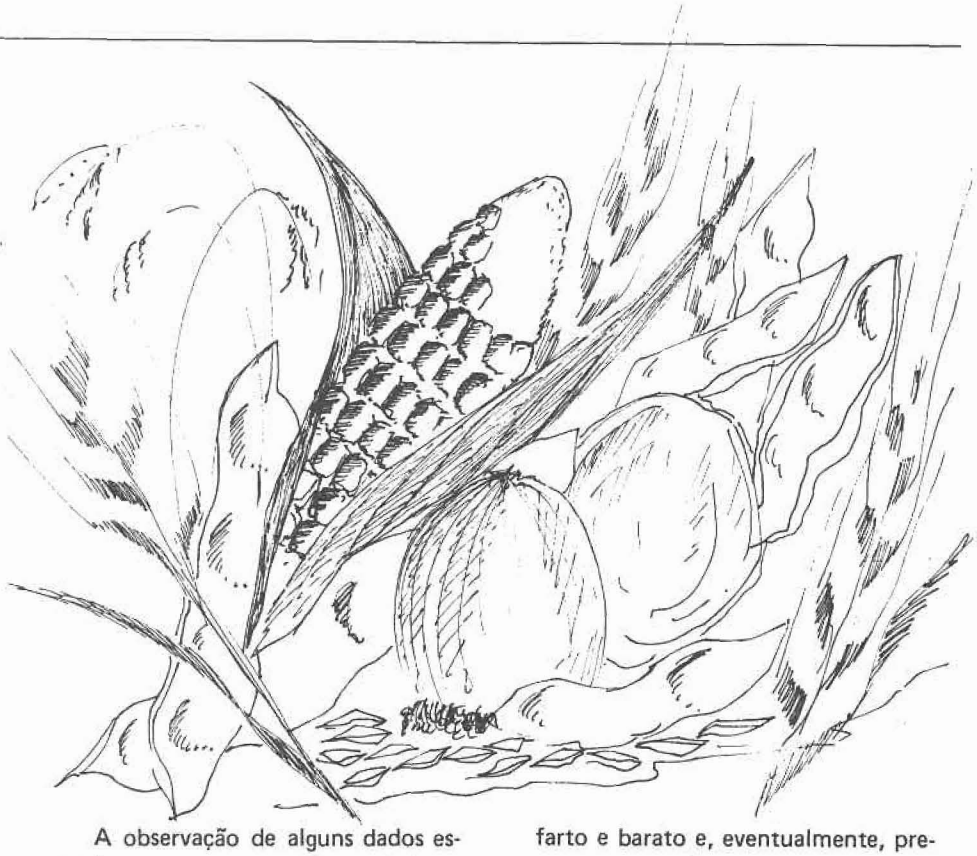
GRÁFICO 02 – BRASIL – PRODUÇÃO DE ALGUNS DOS PRINCIPAIS GÊNEROS ALIMENTÍCIOS DE ABASTECIMENTO INTERNO – 1973-85
(milhões de t)



FONTE – IBGE

uma expectativa de quebra da safra 1985/86 da região Centro-Sul e de sua entrada no mercado mais tardia do que o normal. Estes dois fatores passaram a oferecer aos grandes atacadistas e às indústrias uma oportunidade de ganhos elevados, a partir dos últimos meses do ano, mesmo diante dos anúncios de grandes importações, como meio de conter a especulação.

O governo tem, freqüentemente, recorrido a compras no exterior, para complementar o abastecimento interno (ver Quadro 13). Desta vez, porém, as importações seriam maiores, pois as altas taxas inflacionárias então presentes não poderiam ser exacerbadas por pressões adicionais, originárias da elevação dos preços dos produtos de origem agrícola. As autoridades governamentais tentaram, de todas as formas, evitar que a especulação em torno da quebra das safras futuras se generalizasse, anunciando importações de diversos gêneros alimentícios. Esta decisão deve evitar maiores danos à dieta alimentar da população, já bastante reduzida, mas não terá alcance mais demorado e, assim, espera-se uma atuação mais eficaz do governo.



A observação de alguns dados estatísticos mostra que, nos últimos dez anos, não se expandiu a produção brasileira de alimentos. As lavouras voltadas para o mercado externo e para a produção de energia ocuparam áreas anteriormente destinadas aos cultivos de feijão e arroz, dentre outros, graças aos incentivos concedidos pelo próprio governo federal, onde se podem destacar o crédito farto e barato e, eventualmente, preços compensadores.

Pode-se observar no Gráfico 02 que a área colhida com os principais produtos de abastecimento oscilou apenas ligeiramente, a partir do final da década de 70. A exceção é a soja, cujo plantio cresceu a elevadas taxas, mesmo na atual década. A organização de grandes lavradores em torno dessa cultura, visto que sua pro-

QUADRO 13– BRASIL – IMPORTAÇÕES DE ALGUNS PRODUTOS ALIMENTARES – 1973-84
(t)

ANO	MILHO		ARROZ		FEIJÃO	SOJA			BATATA–INGLESA PARA ALIMENTAÇÃO
	Grão	Farinha	Com casca	Sem casca	(t)	Grão	Óleo bruto	Óleo refinado	(t)
1973	4.251	124	16	10.966	13.893	4.813	22	65	18.692
1974	3.333	3	523	13	1.430	6.489	40	–	–
1975	2.073	20	847	62.319	3.805	194	161	1	–
1976	1.523	176	11	16.883	52.737	–	–	0,5	12.294
1977	578	58	500	79	81.819	–	–	–	14.872
1978	1.262.132	136	33	28.590	75.803	89.369	–	–	17.219
1979	1.525.930	395	497	710.637	7.664	213.474	76.493	266	13.976
1980	1.593.997	292	750	236.181	39.887	460.595	46.158	4.000	33.647
1981	902.024	374	52	142.523	5.632	931.314	–	–	12.730
1982	55	128	30.821	116.887	3.570	1.251.499	21.999	21	7.673
1983	213.149	524	20.241	302.176	3.739	33.781	31.578	26	5.975
1984	253.609	410	–	227	60.527	134.912	74.139	48.998	5.394

FONTE – Cacex.

dução destina-se, em grande parte, para o mercado externo, fez crescer sua área plantada, com destaque nos estados em que prossegue a abertura de novas áreas agrícolas, como é o caso de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás. Nessas zonas de produção, distantes dos centros consumidores, o arroz, em geral, é o primeiro plantio, visando a preparar o solo para receber mais tarde a soja.

Nem mesmo o trigo, que conta com incentivos especiais do governo, conseguiu expandir sua área colhida a partir de 1980. No qüinqüênio anterior, entretanto, havia crescido bastante (ver Gráfico 03).

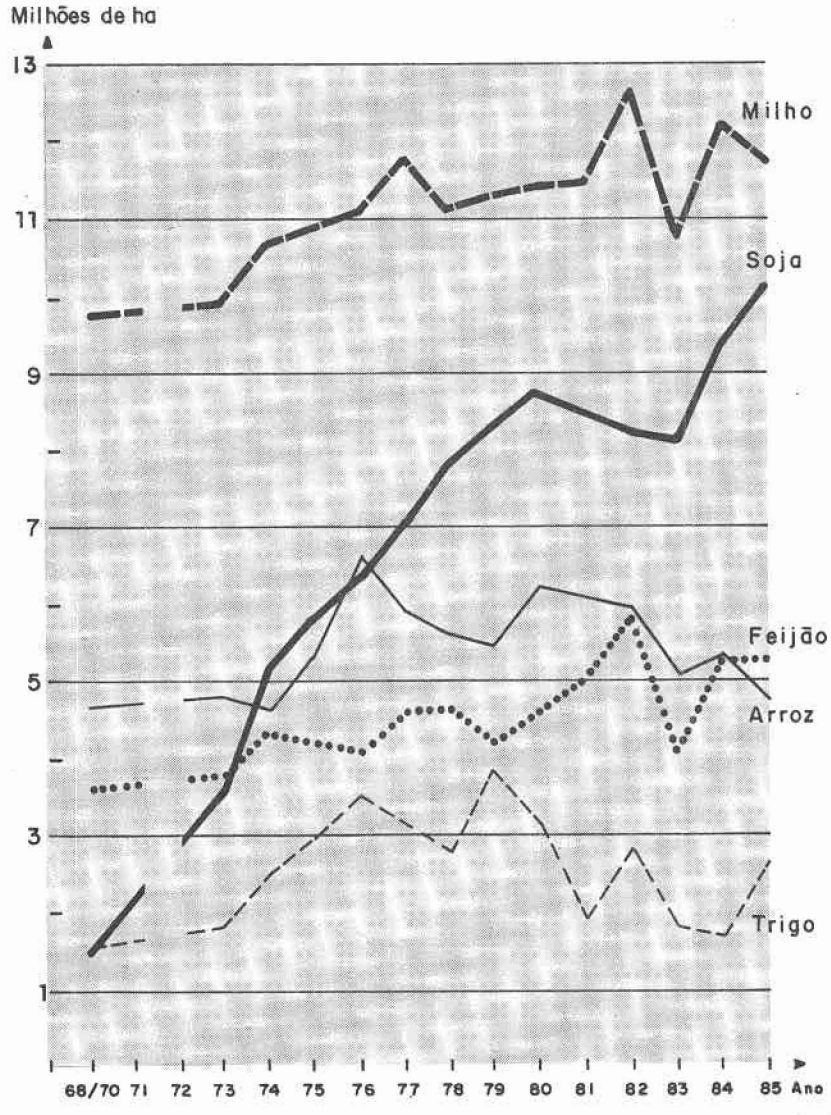
O Gráfico 04 apresenta as áreas colhidas com batata-inglesa, cebola e tomate. Também para estes produtos, as áreas cultivadas decresceram após 1980, com destaque para o primeiro, que havia tido uma expansão significativa no segundo qüinqüênio da década de 70.

As diminutas safras brasileiras, conseqüência direta da despreocupação ao longo dos anos com o abastecimento de gêneros básicos à população, são a causa de graves problemas. O êxodo populacional do campo para a cidade contribuiu, também, para estancar a produção. A população rural, que aumentou cerca de 17%, nas décadas de 40 e 50, expandiu-se em apenas 6%, durante a década de 60. Nos anos 70, seu crescimento foi ainda menor, devido ao aumento da migração que, ao que tudo indica, continuou bastante elevada durante a primeira metade dos anos 80.

O crescimento acelerado das cidades, associado à estagnação ou, mesmo, à queda na oferta de alguns produtos alimentares básicos, resultou, na ausência de medidas que tentassem neutralizar essa tendência, em crescentes pressões sobre os índices de preços no atacado e no varejo.

Os Gráficos 05 e 06 mostram a evolução da disponibilidade *per capita* (médias trienais) dos principais produtos de origem vegetal. À exceção da mandioca, cuja produção, desde

GRÁFICO 03 – BRASIL – ÁREA COLHIDA DE ALGUMAS LAVOURAS MÉDIA 1968-70 E 1971 A 1985[1] – (milhões de ha)



FONTE – IBGE.

1 Não há estimativas para os anos de 1971 e 1972.



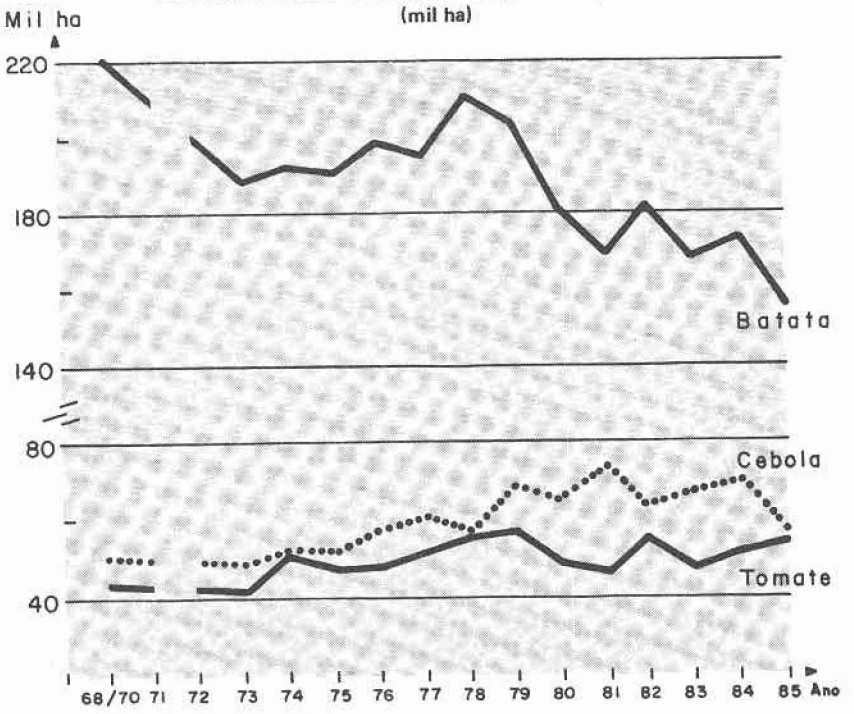
meados dos anos 70, vem caindo ininterruptamente, os demais produtos tiveram pequeno crescimento até o final da década passada (no caso do feijão, o consumo manteve-se estagnado) e, a partir daí, queda generalizada. É de se supor que a melhoria nas condições de vida, originária da retomada do crescimento da economia, resulte numa demanda maior por alimentos. Como, no entanto, a oferta não tem conseguido expandir-se, e não existe uma política definida de formação de estoques reguladores, o natural é que os preços dos gêneros alimentícios evoluam a taxas superiores aos demais preços da economia. Isto é o que vem ocorrendo desde, pelo menos, o início dos anos 70. Com efeito, os Gráficos 07 e 08 mostram que, durante os últimos dezesseis anos, apenas em 1982 e no ano passado, os preços dos **Gêneros Alimentícios**, nos mercados atacadistas, evoluíram a taxas inferiores aos das **Utilidades Domésticas**.

Os dois itens citados correspondem, dentro do **IPA (Índice de Preços no Atacado)**, a uma parcela ponderável, já que representam os **Bens de Consumo**. A evolução dos preços desses produtos pode ser observada nos gráficos em referência. Durante todo o período de 1970 a 1985, os **Gêneros Alimentícios** pressionaram o **IPA**, pois respondem por 71% dos **Bens de Consumo** que, por sua vez, são 56% do **IPA**(1).

(1) O **Índice de Preços por Atacado (IPA)** representa 60% do **Índice Geral de Preços (IGP)** e é dividido em **Bens de Consumo** (56%) e **Bens de Produção** (44%). Os **Bens de Consumo** subdividem-se em **Bens Duráveis** (4,6%) e **Bens não Duráveis** (51%). Os **Gêneros Alimentícios** respondem por 40% do **IPA**.

GRÁFICO 04 – BRASIL – ÁREA COLHIDA DE ALGUMAS LAVOURAS DE ABASTECIMENTO INTERNO – MÉDIA 1968/70 A 1985[1]

(mil ha)

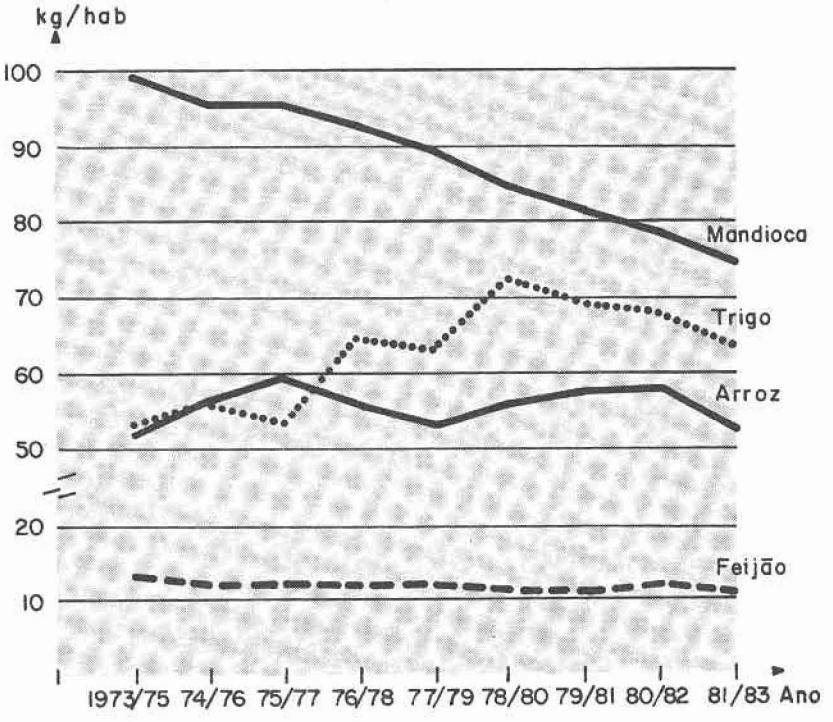


FONTE – IBGE.

[1] Não há estimativa para os anos de 1971 e 1972.

GRÁFICO 05 – BRASIL – DISPONIBILIDADE PER CAPITA DE ALGUNS GÊNEROS ALIMENTÍCIOS - MÉDIAS TRIENAIS 1973-75/1981-83

kg/hab/ano



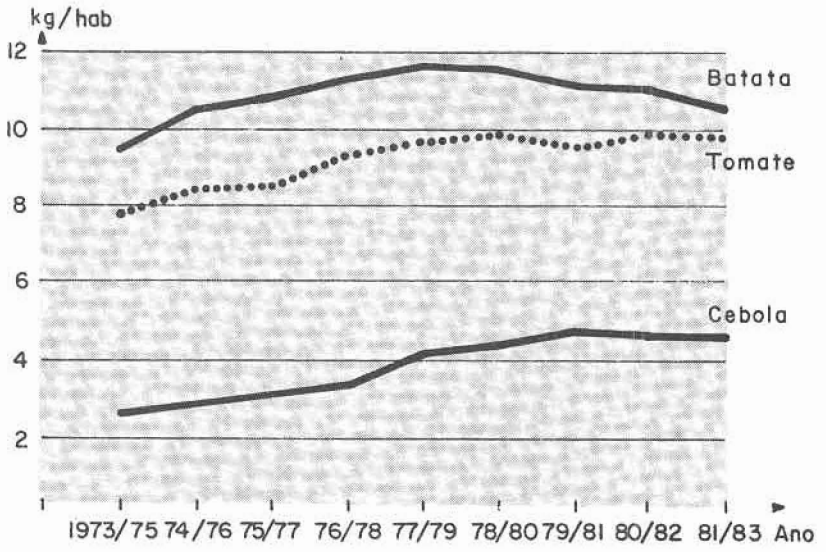
FONTE – FGV/IBRE/CEA.

O abastecimento no Brasil deve merecer cuidadosa atenção, para que não fique sua **resolução** ao mero sabor das forças de mercado. Após o lançamento do **Plano de Estabilização Econômica**, uma escassez de gêneros alimentícios poderá colocar em cheque todo o processo de congelamento dos preços, resultando, possivelmente, em pressões inflacionárias repassadas a todos os setores da economia. Vale acrescentar que o impacto sobre a população acarretaria o arrefecimento do ânimo atual, podendo significar a desarticulação do esquema de vigilância, a cargo, principalmente, dos próprios consumidores.

A regularização do abastecimento interno parece ter-se tornado, pois, a chave que possibilitará atravessar este ano com uma taxa de inflação no menor patamar possível, dentro das intenções do **Plano de Estabilização Econômica**. Relegá-la, ou não atacar os pontos realmente essenciais para a superação das dificuldades, poderá criar dificuldades à nova política econômica implementada.

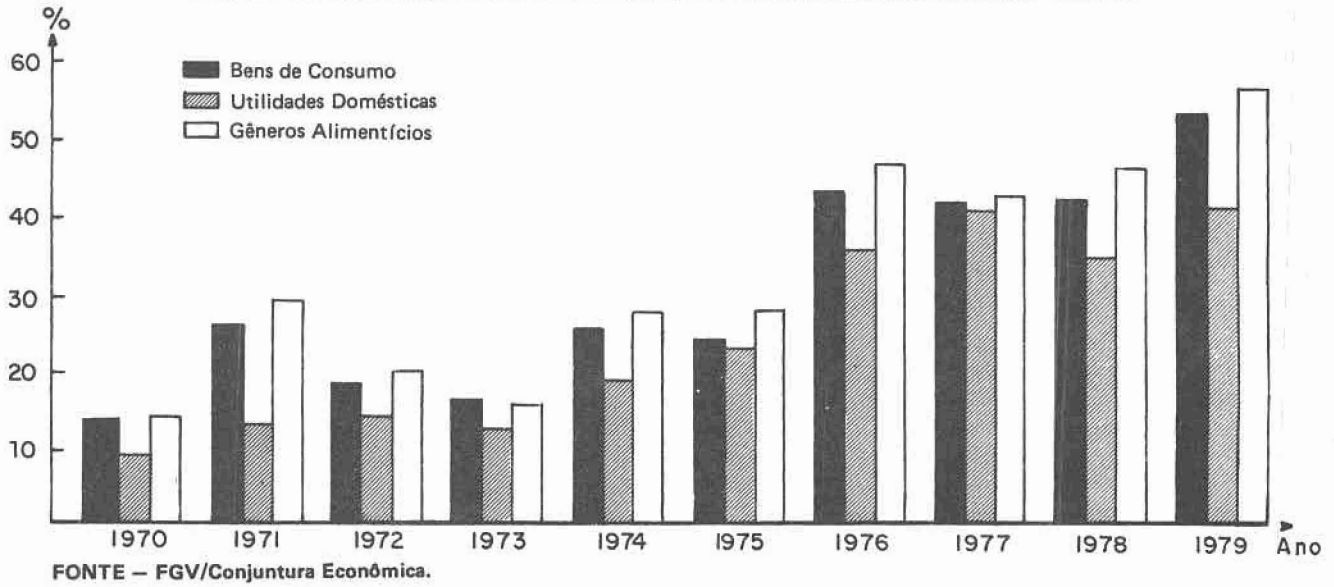
Este ano, as eventuais faltas poderão ser cobertas mediante estímulo ao plantio nas diversas regiões do país e/ou com importações. Estas deverão, no entanto, fazer parte de um esquema que normalize o suprimento nos diversos centros consumidores, sem prejudicar a remuneração do produtor rural, como ocorreu em vezes anteriores. A busca de formas eficientes de escoamento dos produtos importados é tão importante quanto a própria importação. O mercado já tem provado que consegue, em curtíssimo espaço de tempo, modificar toda uma estimativa de suprimento de determinado produto, exercendo constante pressão sobre as cotações e acumulando estoques. Vale lembrar ainda que, mesmo com as compras externas, o governo não conseguirá formar estoques que lhe permitam atuar como em 1985 (ver Gráfico 07). O incentivo à produção da região Nordeste e o conseqüen-

GRÁFICO 06 – BRASIL – DISPONIBILIDADE PER CAPITA DE ALGUNS GÊNEROS ALIMENTÍCIOS – MÉDIAS TRIENAIS 1973-75/1981-83 – kg/hab/ano



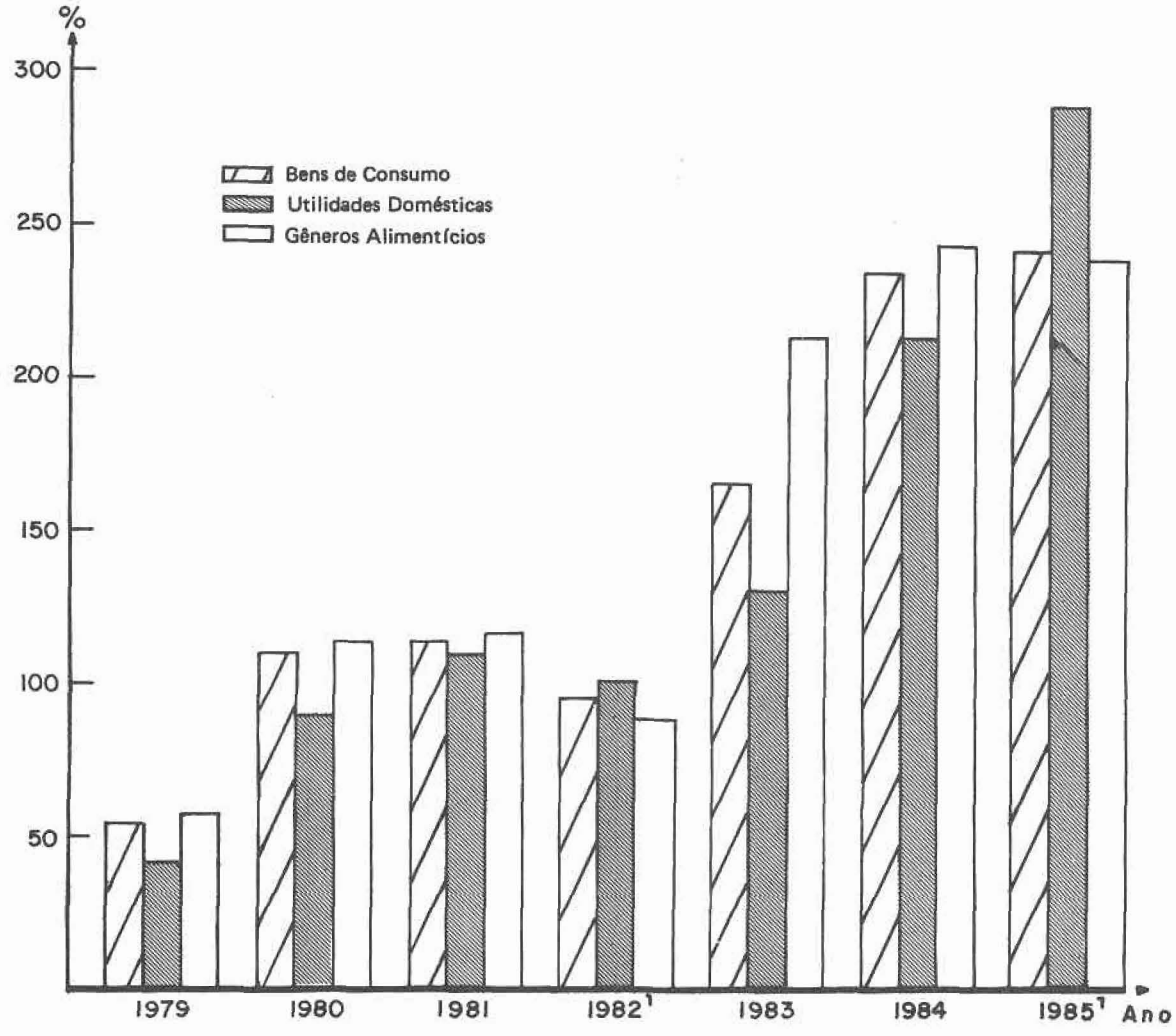
FONTE – FGV/IBRE/CEA.

GRÁFICO 07 – BRASIL – IPA (BENS DE CONSUMO) – VARIAÇÃO ANUAL DOS ÍNDICES DE PREÇOS NO ATACADO, NO TOTAL E NOS SUB-ITENS UTILIDADES DOMÉSTICAS E GÊNEROS ALIMENTÍCIOS – 1970-79



FONTE – FGV/Conjuntura Econômica.

GRÁFICO 08 – BRASIL – IPA (BENS DE CONSUMO) – VARIAÇÃO ANUAL DOS ÍNDICES DE PREÇOS NO ATACADO, NO TOTAL E NOS SUB-ITENS UTILIDADES DOMÉSTICAS E GÊNEROS ALIMENTÍCIOS – 1979-85



FONTE – FGV/Conjuntura Econômica.

[1] Anos em que a variação dos preços dos gêneros alimentícios não superou a das utilidades domésticas, no atacado.

te aumento das safras, poderá amenizar esta situação, permitindo que, durante o último trimestre do ano, e até a entrada da safra 1986/87 do Centro-Sul, não se assista à repetição dos movimentos especulativos que caracterizaram o início de 1986.

O aumento da oferta interna de alimentos e seu barateamento exigem além da expansão das lavouras, uma série de medidas que visem a evitar o passeio das mercadorias e a reduzir as perdas durante a colheita e a armazenagem.

Dados da publicação **Balanço e Disponibilidade Interna de Gêneros Alimentícios de Origem Vegetal**, editada pelo **Centro de Estudos Agrícolas**, da **Fundação Getúlio Vargas**, dão conta de que cerca de 25% da produção de milho não chegam a ser consumidos. Quanto ao feijão, 30% da colheita são perdidos, seguindo-se o arroz e outros produtos, com perdas que variam de 20% a 10%. Em que pese a existência de uma defasagem entre o ano inicial da pesquisa, 1976, e o período mais recente, quando a agricultura brasileira se modernizou bastante, ainda assim, as perdas devem permanecer muito elevadas. Principalmente, para aqueles produtos que mantiveram sua estrutura de produção praticamente imutável nos últimos anos, como é o caso, por exemplo, do feijão e boa parte do milho.

* *IRACEMA BOUZAS PESSOA, economista do Centro de Estudos Agrícolas, IBRE/FGV.*